



EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: RELATOS SOBRE “A CONFIGURAÇÃO DO ARMÁRIO” COMO OPRESSOR SOCIAL.

Rosa de Saron Ramos do Monte

Estudante do Curso de Relações Internacionais, da *Universidade Federal da Paraíba*, rs.monte2@hotmail.com;

Resumo: Este artigo traz em sua estrutura uma análise social com base em observações, relatos e reflexões de jovens universitários/as que denunciam seus conflitos quanto ao processo doloroso de “configuração do armário” como opressor social ao longo de suas vivências, sejam estas tanto nos âmbitos familiar quanto educacional. Os procedimentos realizados para conduzir este artigo foram: a observação dos participantes e a realização de entrevistas individuais, grupais, tendo como referencial teórico também uma análise bibliográfica. O objetivo deste trabalho busca analisar e identificar os relatos que denunciam as causas desses conflitos quanto ao que chamamos de bloqueio social, e como os principais atores reagem diante desses, como a convivência atos homofóbicos, a rejeição familiar e de outras representações da sociedade. Portanto, este trabalho estabelece uma discussão livre sobre a postura de alunos/as universitários a respeito da diversidade sexual, focando o ambiente familiar e educacional como cenário principal e influente na contribuição das relações humanas. Resultado deste estudo contribuiu para uma reflexão social no âmbito social, e educacional sobre a importância da liberdade dos gestos, de expressão e principalmente pela aceitação.

Palavras-chave: Diversidade sexual, Educação e sexualidades, Gênero.

Introdução

Este artigo é uma reflexão com base na história de vida de jovens universitários/as, que relatam o processo árduo sobre a opressão social enfrentada ao longo de suas vidas (infância até fase adulta), dentro e fora das escolas, devido as questões que envolvem gêneros e sexualidades. Esta pesquisa salienta a importância de avaliar as paredes sociais que ainda “nos” separam, excluem, impõem pelas práticas homofóbicas, pelos desrespeitos e os atos violência, sendo esta física ou mental, quando não ambas. Aqui, e em cada desabafo, fica a comprovação quanto a necessidade de abordar tais temáticas nas escolas, nas universidades

para construção das relações de respeito e harmonia dentro dos direitos e deveres de cada um/uma nos ciclos sociais.

Para nos auxiliar na construção desta pesquisa, se optou pela metodologia qualitativa, realizando um levantamento de dados através de grupos focais, realizando um diálogo livre, valorizando os relatos e a oralidade de cada participante. Foi de suma importância a aplicação de um questionário comum a todos/as focando na temática, permitindo que cada um/uma descrevesse sua história de vida, trabalhando diretamente com a realidade vivenciada.

Quanto a instituição de nível superior, onde serviu de cenário para reunir os/as jovens universitários/as, para os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

possíveis diálogos e condução deste estudo, fica situada em João Pessoa, capital da Paraíba. O desenvolvimento deste estudo, também ocupa a fundamentação da viagem, tendo em vista que “Uma viagem é definida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, supõe-se que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo. Mas talvez se possa pensar, também, numa distância cultural, naquela que se representa como diferença, naquele ou naquilo que é estranho, no “outro” distanciado e longínquo.” (LOURO, 2015, p. 14).

Portanto, o intuito do aprendizado ao viajarmos epistemologicamente nos relatos de vida ao acessarmos as memórias particulares de cada envolvidos/os, nos permite conhecer, compreender através do olhar daqueles/as que foram ou são alvos de reclusão social seja no círculo familiar aos demais, devido suas sexualidades. A descrição dentro da realidade vivenciada nos permite, portanto, salientamos que embora percebamos a importância de abordar este assunto na contribuição social da construção do respeito e que este permaneça criando vínculos na sociedade. Portanto, saliento que foram dados nomes fictícios as/aos participantes, seguindo assim as identificações: Bento, é solteiro, tem 17 anos, homossexual, bacharelado em Relações Internacionais; Rafaela é

solteira, tem 20 anos, lésbica, graduada em jornalismo; Tereza tem 18 anos, solteira, lésbica, concluiu a 3ª série do ensino médio; Júlio tem 19 anos, é solteiro, homossexual, bacharelado em Relações Internacionais. Através da análise bibliográfica, este estudo também conta a efetivação de um diálogo abrangente com autores/as como: Louro (2015), Butle (2015); Nardi (2012); Dinis (2011), Lê Breton (2007), Ferrari (2012), permitindo a estruturação de uma linguagem explicativa e clara valorizando a importância epistêmica fundamental em uma pesquisa científica, salientando a compreensão de todos/as.

Relatos da contextualização de gênero e sexualidade nos âmbitos educacionais e familiares.

Sabemos que tanto a família quanto a escola constroem em nossas vidas vários conceitos de acordo os diversos convívios, seja religioso, étnicos, sexuais. Este por sua vez, influenciará em certo ponto, na visão social que iremos refletir. Os corpos têm uma importante representatividade, ao observamos os gestos, os discursos as atitudes que minunciosamente expressam. Mesmo quanto silenciado, estático, os corpos exprimem algo que deve ser analisado para identificação do seu contexto que simbolizantes dos domínios caracterizados “nas relações de poder” (FOUCAUL, 2014). Outro ponto



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

fundamental para complementação deste olhar investigativo e cheios de consequência advém do Junqueira (2011) nos afirma:

Embora para a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais, parece ser na escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais. Quantas vezes, na escola, presenciamos situações em que um aluno “muito delicado”, que parecia preferir brincar com as meninas, não jogava futebol, era alvo de brincadeiras, piadas, deboches e xingamentos? Quantas são as situações em que meninos se recusam a participar de brincadeiras consideradas femininas ou impedem a participação de meninas e de meninos considerados gays em atividades recreativas “masculinas”?

Processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos [...]. (JUNQUEIRA, 2011, p.79).

Como sabemos que o primeiro contato social é o familiar e o segundo a escola, onde dedicamos grande parte das nossas vidas. São estes atos que moldam as relações humanas, e dentro deste contexto, Junqueira (2011), concede a reflexão desta realidade ao citar as representações que existem, mas que recebem os contornos separatista, resultado de uma sociedade onde a homofobia crava seus rastros oprimindo “o diferente”. Por isto iremos trabalhar estes “contextos” construídos seguindo os espaços sociais com base na sexualidade, no armário e sua construção opressora, coerciva, que pune e as vezes permite a superação da libertação. Ao

abo

rdamos sobre as relações de convívio na escola quanto os conflitos sobre os gêneros e sexualidades, Júlio afirma que:

Mas, precisamente no meu 3º ano... Que tipo assim, começou! Meu professor de física da manhã, falava assim que eu só queria andar com mulher... E que meu futuro todo mundo já sabe! Eu saí constrangido da sala. E até hoje ele não me pediu desculpas.

Eu estudava em uma escola privada de freira... Eram conservadores, até educação sexual eles tiraram, porque alguns pais reclamaram que estavam ensinando sexo. [sic.] (Júlio).

Na fala do aluno Júlio, percebemos a visão de uma escola privada e conservadora, onde as raízes religiosas também influenciam sobre assuntos relacionados ao gênero e sexualidade, é possível perceber o grau de repugnância sobre determinado assunto e a perseguição sobre o modo de ser de cada sexo biológico, pelo fato de ser “homem” para os olhos de uma sociedade heteronormativa, este deve agir como tal, refletindo em seu discurso o que Ferrari (2012), nos afirma salienta que:

Nessa mesma linha de análise, o conceito de corpo e sexualidade também diz respeito às construções discursivas realizadas no campo social em cada cultura. (FERRARI, 2012, p. 867).

A cultura patriarcal e machista na tradição do campo social, que mescla a mente das pessoas e permite que seja realizado um percurso cheio de indagações, e que ao longo vamos moldando a configuração de mundo. Ao abordar este impacto, processado pelo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cotidiano escolar, familiar, social, Bento nos relata que:

Assim, eu nunca convivi nas escolas que frequentei com pessoas 'trans', assim, o tema transexualidade nunca com pauta, foi pauta no último (2015). Existiu um projeto para trabalhar gênero e sexualidade na escola. E a gente debateu muito isso, e a gente debateu inclusive a homossexualidade e a transexualidade, mas na escola nunca teve... Eu nunca convivi em ambiente escolar com pessoas 'trans', apenas com pessoas homossexuais, pessoas como eu, no meu meio. Mas na escola, a gente nunca foi de aprender mesmo ou falar sobre isso. [...] é interessante notar que no ambiente escolar você ver professores falarem sobre respeito, sobre tolerância, né? Dão reais lições de moral, mas nunca é incluído nisso como no respeito as pessoas negras, o respeito as pessoas homossexuais, no respeito aos indígenas, tudo isso é incluso mas sempre sem pautar na transexualidade. Nunca é tocado nesse assunto, é um tabu ainda, que eu acho entendeu? Então, quando se falava de gênero e sexualidade, geralmente a converse sempre batia na sexualidade... A transexualidade, o gênero, ficava a aprte. Talvez porque ainda se tinha aquela ideia de que gênero era só pra gente trabalhar o que era a questão da mulher, o feminino, e não as pessoas transgeneras e etc. E como eu falei, teve um projeto no meu 3º no médio, teve um projeto pra trabalhar, debater, pra discutir sobre gêneros e sexualidades. Ai teve uma professora minha de sociologia que ela não conhecia. Ela tinha que trabalhar mas ela não conhecia, ela não sabia o que fazer. Dai foi que ela disse: ' Vamos aprender juntos! Utilizando ferramentas de pesquisa.'

Então, agente foi, alunos em dupla, a gente pesquisou, a gente trouxe o material para a sala de aula, a gente conversou sobre isso os assuntos, sobre os diversos termos que existem no que diz sobre gênero e sexualidade né? O que era a transexualidade, o que era homossexualidade, que não era o transexualismo, homossexualismo... Diferenciar os termos. E aí foi uma troca de experiência magnífica, porque ela tinha uma visão totalmente pra trás ainda. Como eu falei, ela ainda tinha aquela visão 'biologizada' da coisa. E ela aprendeu, aprendeu coisas que nós não sabíamos e depois conhecemos. Que eu sabia e passei para os outros, eu sempre fui muito... Até então eu já tinha sido muito engajado, na internet eu lia muito a respeito, acompanhava pessoas 'trans', acompanhava pessoas transexuais, ativistas, tudo isso eu já tinha um conhecimento, então... Foi uma troca entre professores e alunos. [sic.] Bentio).

Ao analisar o relato contextualizando sobre as questões que envolvem diversidades sexuais, percebemos a carência com relação a abordagem conceitual, existencial por parte da escola, embora o conjunto das representações nos mais diversos âmbitos sociais, educacionais somam como reflexo da desinformação. Nos deparamos com uma escola omissa, porém com uma docente que embora não tenha um domínio sobre a temática, se utiliza de uma consciência construtiva. Porém, este déficit que nos preocupa, reafirma o que Santos (2011), descreve ao apontar dentro do seu trabalho de pesquisa que:

As escolas apresentam problemas em desempenhar seu papel social e pedagógico em Educação Sexual, visto que, para o implemento deste trabalho é indispensável que todo corpo docente permaneça determinado e se sinta capacitado para trabalhar a temática no ambiente escolar e outro fator importante que os professores mencionam é a falta de formação que contribuiria com esse trabalho. (SANTOS, 2014, p. 88).

Portanto, fica claro a importância de desenvolver projetos e executá-los nas escolas, orientar os discentes, abordar as definições quanto as temáticas abordando a realidade social que todos estão inseridos. Não podemos anular a existência da sexualidade, da transexualidade e etc. Uma vez que as questões homofóbicas, as ações violentas de intolerância sexuais advêm de um transtornado processo de informações distorcidas e ocultas quanto ao tema. Cada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

relato, afirma o olhar de cada um, quais foram seus complexos, as rejeições somadas e enfrentadas em paralelo a vida escolar-familiar, mas principalmente como se deu o ato de se “descobrir” sozinho, na alimentação de uma culpa por enxergar diferente.

Retratos sobre o processo de aceitação quanto a “descoberta” da sexualidade.

A partir do momento em que a pessoa tem que explicar por que agiu ou age de determinada forma e não de outra, se vê narrando-se, contando sua história e, ao mesmo tempo, dando uma identidade a si mesmo. Dessa forma, coloca em funcionamento ou é capturado pela necessidade, nesses últimos séculos, de falar de si. Passamos a dar grande importância à ação de falar de nós. Falando de nós, produzimos discursos, interferimos na nossa subjetividade, construímos e desfazemos identidades. (FERRARI, 2012, p. 875).

Trazendo à tona a importância do discurso e o relato de vida de cada um, surge a necessidade de “ouvir”, sentir, perceber, compreender a praxe que é particular e muitas vezes comum em seus conflitos, necessidades, impunidade, ou até mesmo no elo que constrói de alguma forma. Sendo assim, nos afirma Butler (2015) que:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um ‘fator’ ou ‘dimensão’ da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma ‘marca’ de diferença biológica, linguística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe com relação a outro significado oposto. Algumas teóricas feministas afirmar ser o gênero ‘uma relação’, alias um conjunto de relações, e não um atributo individual. (BUTLER, 2015, p. 31).

É tentando avaliar a “marca” que reflete as pessoas reais, os moldes criados dentro da cultural e como esta define sua concepção, e o discurso, conforme também podemos conferir no relato de Tereza que assim salienta:

Eu me defino como lésbica, porque ao longo da minha vida até então eu achava que é... Eu... Eu tinha um olhar diferente para as meninas, mas por ser admiração, porque dentro da minha casa a gente tinha costume de elogiar todo mundo, de achar bonito, meu pai elogiava mãe, minha mãe elogiava mulheres e embora, é... ache isso dentro de casa, meus pais foram muito assim... Até o momento que eu convivi com os dois... É... Mas, assim, ao longo da minha vida foi isso. Eu tinha um olhar diferente para as meninas, e eu achava que era admiração, tipo: ‘- Ai você é muito bonita’ Só que chega uma idade que os hormônios, eles se afluam, aí você fica: - ‘Eu acho ela muito bonita mas, que estranho ficar achando o tempo todo?!’ E aí eu tive uma criação meio de igreja, e isso meio que é bastante obscuro, e aí eu não tinha noção do que era é... Menino gostar de menino, não sabia! Só que eu me identificava muito com pessoas dentro da igreja... Uma pessoa em específico que ela não tinha o padrão de mulher, que é aquela coisa de ser feminina, de ser vaidosa, e aí eu gostava muito dela. Muito assim, eu era encantada, ela tocava bateria, é... E eu nunca fui muito feminina, muito feminina não, muito vaidosa. Mas, isso nunca foi um obstáculo, dentro da minha casa, eu adorava futebol, e hoje em dia lógico eu vejo que isso é... Num tem a ver com menino nem tem a ver com menina, mas antigamente até então as pessoas já olhavam bem diferente né? E aí eu achava ela muito interessante, e aí foi e eu falava assim, caramba! Eu gosto tanto dessa pessoa e ela é assim e tal , e ela não namora ninguém, não namora homens, e ela estava dentro da igreja e tal, e assim foi. E aí, aos longos dos meus, sei lá... 12 anos, a partir dos 12, as coisas começaram a mudar um pouquinho, meu primeiro beijo foi com uma menina e eu pedi pra que ela me ensinar, mas aquilo não era uma inocência, e tal até então. Mas, eu achava ela muito bonita, então assim, fui crescendo, e fui ficando com meninos, só namorei uma vez, com um menino e muitas vezes ele dizia que eu parecia mais um Brothers do que uma namorada. [sic.] (Tereza).

Ao avaliar as preocupações relacionadas as aparências que cada um



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

reflete em seu espaço social e as relações criadas através dele, Tereza relata a sua preocupação em se demonstrar vaidosa, femininas, obedecendo as características do que seria segundo a sociedade lhe apresenta como “ser” mulher. É destacando a importância ou preocupação com a aparência que Lê Breton (2007), destaca:

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença. (LÊ BRETON, 2007, p.77).

Os gestos, os corpos, os desejos “que afloram” conforme descreveu Tereza em seu relato, a estranheza que se instala, que ora é rejeitada e mesmo assim convence, reflete o que bem descreve Louro (2015), Butler (2015), em uma linha de contextos, lutas, punições e empoderamento por uma necessidade de conhecimento sobre o outro, sobre se, sobre as representações, sociais, culturais, e principalmente das identidades de as compõem.

A Configuração do “armário” como barreira no contexto social

Os muros sociais que oprimem as diversidades de gêneros e sexualidades, vem de uma ausência de informação, vários equívocos, mas que é construída e representada pela configuração do

“ar

mário”, espaço obscuro, que guarda, esconde, fecha, tranca e sufoca as expressões de alguém. Mas, o que de fato seria ou ainda representa este “armário”? Foi com este raciocínio que surgiu a indagação desta representação, em uma configuração do aço que fere, ou uma barreira imposta pela sociedade, que pune, divide e mutila os gestos, no direito de ser ou expressar, seja qual for a sexualidade representada e particularizada de cada pessoa. Segundo Tereza, ao ser questionada sobre sua concepção a configuração do “armário” ela nos afirma que:

[...] o armário eu acredito assim que , quando você tem uma aceitação na família é... Aquilo ali volta pra você. Mas, quando você ainda está trabalhando a aceitação dentro de casa... O armário é só você chegar e falar, o armário ele demora porque você primeiro tem que se aceitar. Então, tem todo um processo ali. É... Você tem que se aceitar, depois você tem que se decidir, se você vai dizer aos seus pais ou não. Se você não tiver uma aceitação dentro de casa, e você tiver que lutar contra aquilo.. Infelizmente ele vai estar presente a todo momento. [sic.] (Tereza).

Tereza nos relata com clareza o impacto da imposição familiar sobre a “aceitação” quanto a sua sexualidade, ou ao enfrentamento de qualquer pessoa nesta posição de suposta rejeição, lembrando o seu enfrentamento mediante sua família. No entanto, realizado o mesmo questionamento ao Júlio, este nos relata que:

É difícil, eu tento me culpar. Ter que estar mentindo direto, tenho que esconder meus amigos, as músicas que eu escuto. O ar,ário pra mim é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

atuar, é ser um ator que interpreta um papel tão difícil que fere até a alma. [sic.] (Júlio).

Júlio advém de uma família religiosa, contextualizando as barreiras dentro da intolerância dos seus pais afirma a opressão que é ter que fingir ser um homossexual, sendo assim se ver provado de suas ações, vivências e liberdades.

Já Renata, esta afirma que :

É uma espécie de proteção e julgamento da sociedade porque se a gente é designado a certas coisas, a gente é designado ao armário na verdade. Então você vai até se sentir confortável pra sair das amarras do que é “visto” como “o certo”. Eu acho assim, que o armário é uma proteção ao julgamento da sociedade. Tem gente que consegue se livrar dessas amarras e tem gente que infelizmente vive com ela. [sic.] (Renata).

Renata reflete uma outra visão, uma “proteção” contra um julgamento, pois o que ela define como julgamento social, advém de um peso que pune. O armário representa este refúgio contra o olhar do outro que julga, reprime, pune e que também aprisiona, amarra. Segundo Louro (2014), esta nos afirma que:

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. (LOURO, 2015, p. 77)

Portanto, os corpos aqui representados afirmam a concepção do seu convívio social, cultural que marcam seus corpos, limitam suas expressões e a todo
tem

po interferem ao fazer uso de um padrão social sexista, heteronormativo, patriarcal, machista afirmado ao longo dos relatos que refletem todo convívio social, mas que em sua maioria foram vividos no contato social familiar, educacional, pessoal, sentimental, em todos os âmbitos.

Considerações Finais

A partir dos relatos, foi possível analisar e identificar através dos recortes das lembranças dos participantes, como foi o processo de descobrimento da própria sexualidade no âmbito familiar e na escola; qual a concepção de gêneros e sexualidades no contexto social construído ao longo suas vidas; como ocorreu o processo de aceitação quanto a “descoberta” da própria sexualidade; qual a concepção do armário como configuração das barreiras sociais que envolvem gêneros e sexualidades.

Foi possível compreender que armário que oprime, configura uma prisão do próprio ser em uma passagem que ora liberta ora prende. Com a perspectiva de uma melhor descrição desta “passagem” quanto a descoberta da sexualidade, gêneros e seus conceitos, procuramos compreender ao buscar as representações dos que sentiram e sentem na pele a marcas dessas amarras sociais através de debates, provocações, informações, alertas quanto ao tema e sua importância



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

informativa a serem trabalhadas no espaço escolar, na vida e formação do aluno/a como cidadão/ã, estes concluem o ensino com uma visão distorcida quanto as diversidades, principalmente as que envolvem gênero e sexualidade.

Referências

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gêneros : feminismo e subversão da identidade**/Judith Bulter; tradução, Renato Aguiar. – 9ª edi. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência** Homophobia and education: whe no mission is also a sign of violence. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual** education, gender relations and sexual diversity Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Editora UNICAMP. Disponível em: WWW.cedes.unicamp.br

FERRARI, Anderson; ALMEIDA, Adriano. **Corpo, Gêneroe Sexualidade nos Registros de Indisciplina**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 865-885, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Gênero, Sexualidade e Saúde”**. In: Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A “Pedagogia do Armário”:** heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: Revista Educação On-line PUC-Rio nº 10, 143-143, 2012. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/ev_edu_online.php?strSecao=input0

LOURO, Lopes Guacira. **Um Corpo Estranho** – ensaios sobre a sexualidade e teoria queen/Guarcira Lopes Louro. – 2. Ed.; 2. Reimp. – Brlo Horizonte: Autêntica, 2015.

LÊ BRETON, David, 1953. **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis,RJ: Vozes, 2007.

NARDI, Henrique Caetano. **Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar**. In: Revista Latino Americana. ISSN 1984-6487/ N. 11 – AGO. 2012 – PP. 59-87/ Nardi, H. & Quartiero, E. Disponível em: WWW.sexualidadsaludysociedad.org.

SANTOS. Maria de Fátima Macêdo dos. **As manifestações da Sexualidade no Cotidiano Escolar: tenções e apreensões**. Tcc, UFPB, 2014.